

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT15.012

ORALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DE ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO

Eduardo Reinaldo de Medeiros¹Deusdete Fernandes Pimenta Júnior²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as propostas de atividades voltadas para o ensino da oralidade, nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Para tanto, por meio de pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, realizou-se um estudo documental da coleção Multiversos: Língua Portuguesa, adotada por escolas públicas de Mossoró-RN. Este estudo está fundamentado nas considerações de Antunes (2003), Carvalho e Ferrarezi Júnior (2018), Geraldi (2015), Marcuschi (2005/2008) e de documentos oficiais como PCN (1998) e BNCC (2017) para o Ensino Médio. Nossa análise das propostas de atividades considerou importantes critérios como: a diversidade de gêneros textuais da oralidade, a frequência e os métodos de avaliação sugeridos a professores. Espera-se que este trabalho possa fomentar as discussões acerca da temática e estimular novas pesquisas sobre a oralidade enquanto objeto de ensino.

Palavras-chave: Oralidade, Ensino de Língua Portuguesa, Livro didático, Educação.

1 Mestrando em Ciências da Educação da world University Ecumenical – WUE –eduardoreinaldo15@gmail.com;

2 Mestre pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, deusdetejunior@uern.br.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as discussões acerca do ensino da oralidade têm ganhado destaque nas práticas docentes, sobretudo em resposta à crescente demanda por habilidades comunicativas que vão além do saber escrever. De acordo com Marcuschi (2005/2008) e Antunes (2003), a oralidade desempenha um papel fundamental na construção de significados e no desenvolvimento das capacidades de interação e argumentação dos estudantes. No âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, ensinar a oralidade envolve não somente desenvolver a capacidade de expressão verbal, mas também explorar aspectos como escuta ativa, interpretação crítica, discurso e capacidade de persuasão, entre outros gêneros orais diversos. Nesse sentido, o currículo escolar, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), estabelece que a oralidade deve ser um eixo fundamental do processo de ensino-aprendizagem.

Este estudo propõe uma avaliação das atividades de oralidade contidas na coleção Multiversos: Língua Portuguesa, utilizada pelas escolas públicas de Mossoró-RN no Ensino Médio. De natureza descritiva e abordagem qualitativa, esta pesquisa avalia como as propostas pedagógicas buscam desenvolver a oralidade dos alunos, com especial atenção à diversidade de gêneros textuais, à frequência dessas atividades no material didático e aos métodos de avaliação sugeridos aos professores de línguas, principalmente aos de língua portuguesa.

A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de compreender como a coleção de livros didáticos escolhida contribui (ou não) para a formação de estudantes na contemporaneidade, na qual requer deles habilidades de articular ideias de maneira clara e crítica no contexto de oralidade. Sendo assim, embora o livro didático ainda seja uma das principais ferramentas na educação básica, é necessário verificar se ele cumpre as exigências dos documentos oficiais que regem a prática educacional.

Desse modo, objetivo desta pesquisa é analisar a adequação das atividades propostas no livro didático para o desenvolvimento da oralidade,

investigando como elas contemplam os gêneros textuais orais, quais são as metodologias recomendadas e à avaliação sugerida. Para fundamentar este estudo, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental: Antunes (2003), Geraldi (2015), Carvalho e Ferrarezi Júnior (2018) e Marcuschi (2005/2008); PCN e a BNCC, entre outros.

Os resultados indicam que, embora os livros didáticos sugiram atividades que envolvem debates e apresentações, há uma limitação quanto à diversidade de gêneros textuais orais que poderiam ser explorados. Além disso, observa-se que as avaliações de oralidade ainda se concentra em critérios tradicionais, muitas vezes, relevando aspectos mais dinâmicos e interativos. Assim, surgem lacunas no processo de aprendizagem, às quais evidenciam a necessidade de (re)planejamento e (re)adequação das práticas de ensino para garantir uma abordagem interdiscursiva eficaz.

Concluimos, portanto, que o desenvolvimento da oralidade no Ensino Médio precisa ser pensado de maneira mais integrada e diversificada, envolvendo não só a prática de gêneros orais diversos, mas também a adoção de avaliações que considerem a complexidade dessa competência. Este estudo visa, então, contribuir para as discussões e despertar outras acerca da oralidade na educação básica, possibilitando (auto)reflexões nas práticas docentes sobre o uso efetivo do livro didático.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos deste estudo, optamos pela pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, tendo como foco a análise das atividades de oralidade contidas na coleção Multiversos: Língua Portuguesa, adotada por escolas públicas de Mossoró-RN no Ensino Médio. A escolha da pesquisa descritiva foi motivada pela necessidade de examinar de forma detalhada as características das propostas pedagógicas presentes no material didático, enquanto a abordagem qualitativa permitiu uma análise ampla e crítica das práticas de ensino recomendadas.

Além da pesquisa documental, na qual utilizamos-se de documentos oficiais que norteiam o ensino no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), paralelamente, este estudo foi embasado por uma revisão bibliográfica, assim como também específica Lakatos (2010, p. 166):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por algumas formas, quer publicadas, quer gravadas.

Desse modo, esta pesquisa “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e documentos oficiais” (Gil 2007, p. 65), na qual faz parte de nossa fortuna crítica alguns autores que discutem acerca da oralidade no ensino de Língua Portuguesa, como Antunes (2003), Marcuschi (2008), Carvalho e Ferrarezi Júnior (2018) e Geraldi (2015), entre outros.

O corpus de análise foi constituído pelos volumes da coleção Multiversos: Língua Portuguesa, amplamente utilizada no contexto da rede pública de ensino. A seleção dessa coleção se deu por sua relevância no contexto educacional e por representar um exemplo significativo do material didático empregado no Ensino Médio Potiguar, mais especificamente nas escolas estaduais de Mossoró/RN. A análise das atividades de oralidade se deu em torno de três critérios centrais: a diversidade de gêneros textuais, a frequência das atividades e os métodos de avaliação sugeridos.

Em relação ao critério da diversidade de gêneros textuais orais, o estudo buscou identificar e categorizar os diferentes tipos de atividades de oralidade presentes no material, como debates, seminários, entrevistas, entre outros. Essa classificação permitiu avaliar a amplitude com que os gêneros orais foram abordados no ensino de Língua Portuguesa.

Já no critério de frequência das atividades, foi realizada uma análise quantitativa das propostas ao longo dos capítulos e seções dos livros, a fim de verificar a distribuição de exercícios de oralidade no material e entender em que momentos eles foram priorizados no currículo.

Por fim, os métodos de avaliação sugeridos para os professores também foram objeto de análise, com o objetivo de investigar se as estratégias avaliativas propostas são coerentes com as demandas do ensino da oralidade, e se favorecem a participação ativa dos estudantes, bem como o desenvolvimento de habilidades comunicativas.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da análise de conteúdo, uma técnica interpretativa que permitiu categorizar e interpretar as atividades de oralidade presentes no material didático, à luz dos critérios estabelecidos e das teorias educacionais utilizadas como base.

Essa abordagem metodológica proporcionou uma compreensão detalhada das práticas sugeridas pelo livro didático, permitindo que o estudo contribua com reflexões importantes sobre o ensino da oralidade no Ensino Médio e as estratégias adotadas para promover o desenvolvimento dessa habilidade essencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados e análises dos livros didáticos da coleção Multiversos: Língua Portuguesa, verifica-se uma frequência significativa do termo “oralidade”. No específico, este termo aparece 19 vezes no Manual do Professor e 4 vezes no material do estudante. Em um outro que abrange a área de linguagens, 3 e 2, respectivamente. Embora essa ênfase sugira a valorização da prática oral no processo pedagógico, os desafios de sua implementação são evidentes, no tange a forma de como essa prática pode ser concretizada.

A coleção Multiversos: Língua Portuguesa propõe uma série de atividades de oralidade, como debates regrados, leituras em voz alta, leituras silenciosas seguidas de discussões e leituras compartilhadas. Essas ati-

vidades têm seu mérito, pois incentivam o uso da linguagem oral, mas a diversidade de gêneros trabalhada é limitada. Antunes (2003) afirma que a diversidade de gêneros é fundamental para a formação de sujeitos que se comunicam de forma eficaz nos mais diversos contextos sociais. No entanto, o material didático se concentra principalmente em gêneros formais e mais estruturados, como debates e exposições orais, negligenciando gêneros orais mais dinâmicos, como entrevistas, rodas de conversa, narrativas orais, e discussões abertas.

Por exemplo, no Manual do Professor, uma das atividades sugere que os alunos realizem uma leitura silenciosa de uma notícia, seguida de uma leitura compartilhada e em voz alta, em que eles também podem explorar os elementos não verbais do texto, como fotografias e ícones de redes sociais (Campos, 2020, p. 200):

Figura 1: Atividade de Leitura

Leitura

Estratégias didáticas nas Orientações para o professor.

Córregos transbordam e BH tem recorde de vias bloqueadas

Avenida Tereza Cristina está entre as bloqueadas pela Defesa Civil da capital mineira

Gabriel Ronan
postado em 15/01/2020 21:15 / atualizado em 16/01/2020 09:26



» No Vale do Jatobá, no Barreiro, enxurrada arrastou veículos.

Depois do temporal que causou danos na cidade na tarde de terça-feira (14), a noite desta quarta também foi marcada pelas chuvas em Belo Horizonte. Segundo a Defesa Civil, sete vias foram fechadas na cidade por causa do transbordamento de córregos.

O órgão da prefeitura precisou fechar toda a Avenida Tereza Cristina devido ao transbordamento no encontro dos córregos Ferrugem e Arrudas. A medida preventiva tem sido adotada pela Defesa Civil neste período chuvoso para evitar ocorrências mais graves com os moradores da cidade.

Na Via Expressa, na altura do Bairro Coração Eucarístico (Região Noroeste), carros ficaram submersos na água da chuva. Moradores relataram alagamentos também na divisa do bairro com o Padre Eustáquio.

Oficial@TRANS @Oficial@TRANS

2h09 Imagens recuperadas do transbordamento do Córrego do Ferrugem



22:10 - 15 de jan. de 2020

Veja outros tweets de Oficial@TRANS

Sequência 1 • A cidade em fatos

Figura 2: Continuação da Atividade de Leitura

O mesmo aconteceu na Avenida do Canal, no Conjunto Paulo II, no Barreiro, por causa do transbordamento do Córrego Jatobá. No Bairro Vale do Jatobá, na mesma regional, carros foram arrastados por uma enxurrada.

O Córrego Ressaca também invadiu o asfalto, o que motivou a interdição das vias próximas conforme a Defesa Civil. No Centro da cidade, o fechamento aconteceu na esquina formada pelas ruas dos Tamoios e Mato Grosso e durou até as 23h.



Houve fechamento, ainda, da Avenida Clóvis Salgado, na Pampulha, devido ao extravasamento do Córrego Sarandi. Mesma situação dos arredores da Estação São Gabriel do metrô por causa do manancial do Onça. A Via 240 ficou fechada até por volta das 23h20.

Já houve registro de **precipitação** extremamente forte em sete regionais da cidade: Centro-Sul, Oeste, Barreiro, Noroeste, Nordeste, Norte e Pampulha, conforme a Defesa Civil. Entre elas, as que mais receberam precipitação foram a Noroeste e a Oeste, ambas com mais de 75 milímetros.

precipitação: em Meteorologia, descreve fenômenos relacionados à queda de água no solo em forma de chuva, granizo ou neve.

Figura 3: Continuação da Atividade de Leitura

Acumulado de chuvas (em milímetros) de 20h30 até 22h desta quarta:

Barreiro - 36,4
Centro Sul - 43
Leste - 3,4
Nordeste - 36,8
Noroeste - 75,2
Norte - 27,2
Oeste - 76,2
Pampulha - 53,6
Venda Nova - 0
[...]

Média Climatológica janeiro: 329,1 mm (INMET, 1981-2010)

Fonte: Defesa Civil de Belo Horizonte





LEIA 32 COMENTÁRIOS

* PARA COMENTAR, FAÇA SEU LOGIN OU ASSINE



Os comentários são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do Estado de Minas.

Leia 32 comentários

I Ivam Henriques 5 meses atrás
Agora todos estão revoltados com a prefeitura, com a capital abandonada, sem obras, sem infraestrutura básica etc. Essa revolta dura pouquinho, é só chegar o carnaval que todos vão para a farra total na cidade do caos. Se deixar fazem trilho [sic] elétrico até em Brumadinho onde os bombeiros até hoje trabalham em busca dos desperdícios. [sic] [...]

 Curtir (3)  Responder (2)

C Cristiano Martins em resposta a **Ivam Henriques** 5 meses atrás
Cara, nenhum governante hoje consegue resolver os problemas que há. Podem conseguir minimizar, mas resolver não tem como, só acabando com a cidade e fazendo outra do zero investindo principalmente em vazão de águas de chuvas e córregos. As cidades crescem com construções e asfaltos, com isso, as águas não tem [sic] para onde ir, construções principalmente em beiradas de rios e córregos, muitos rios e córregos hoje estão assoreados devido a [sic] ação do homem, antes eram mais estreitos e fundos, hoje largo [sic] e rasos facilitando os transbordamentos. Fazer galerias para retenção das águas seriam [sic] uma boa, mas não se faz isso de um dia para o outro, requer estudos, dinheiros [sic] e autorizações, um prefeito não pode simplesmente falar que vai fazer e pegar o dinheiro e pronto, tem que seguir leis para liberar o dinheiro, sei que aqui no Brasil tudo para o povo é mais difícil e não é tão simples assim não. [...]

 Curtir (3)  Responder (1)

RONAN, G. Córregos transbordam e BH tem recorde de vias bloqueadas. **Estado de Minas**, 15 jan. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/15/interina_gerais,1114650/corregos-transbordam-e-bh-tem-recorde-de-vias-bloqueadas.shtml. Acesso em: 24 abr. 2020.

Sequência 1 • A cidade em fatos

13

Figura 4: Orientações didáticas para as atividades de leitura

- É importante estimular a participação de todos os estudantes na discussão, respeitando o posicionamento e as opiniões dos colegas. Destacar aos estudantes a relevância da discussão realizada em sala de aula para a compreensão da notícia que será lida a seguir. Dependendo da turma, pode ser necessário fazer um número maior ou menor de intervenções, como solicitar a participação dos estudantes mais tímidos por meio de questionamentos. Caso necessário, lembrar aos estudantes que essa prática é também formadora para o exercício pleno da cidadania.

» **Respostas e comentários**

1. Respostas pessoais. Dependendo de onde a escola estiver situada, é possível que os estudantes destaquem problemas relacionados a enchentes, desmoronamentos, escassez de água, circulação de ventos, ou poluição com a baixa umidade do ar.
2. Espera-se que os estudantes destaquem a necessidade de planejamento urbano para a construção de dispositivos para o escoamento de águas pluviais, a manutenção ou a criação de áreas verdes, a construção de açudes etc.
3. Espera-se que os estudantes percebam que existem canais abertos de comunicação com o governo, assim como a possibilidade de realização de abaixo-assinados, compartilhamentos e comentários em redes sociais.
4. Respostas pessoais. Caso os estudantes digam que se informam por meio de jornais, perguntar a eles se leem a versão impressa ou se têm acesso às versões digitais. É possível, também, que alguns estudantes digam que se informam por meio de notícias publicadas em mídias sociais ou compartilhadas em aplicativos de mensagens instantâneas. Nesse caso, sugere-se perguntar a eles se costumam checar em outras fontes o que leem.

Leitura - Páginas 11 e 13

» **Estratégias didáticas**

- Pedir aos estudantes que observem o texto do título da notícia e o aspecto visual dela e que formulem hipóteses sobre o texto a ser lido. Espera-se que indiquem que se trata de uma notícia publicada no site de um jornal.
- Recomenda-se dedicar um momento da aula para que os estudantes possam, de maneira individual e silenciosa, ler a notícia e explorar os seus elementos não verbais (as fotografias e os ícones de redes sociais). Em seguida, é possível realizar uma leitura compartilhada e em voz alta, feita por mais de um estudante, com ou sem a participação do professor. Se houver disponibilidade de acesso à internet, os estudantes podem ser orientados a acessar o site para conferirem a notícia em seu suporte original.
- Ao final da leitura, verificar com os estudantes se as hipóteses levantadas no início se revelaram verdadeiras. Se desejar, retomar também a discussão sobre os problemas da cidade, os fenômenos da natureza e a intervenção do ser humano.

200

Essa prática é válida para desenvolver a fluência e a leitura expressiva, mas Marcuschi (2008) ressalta que a oralidade não se limita à repetição de um texto escrito; ela envolve a capacidade de interação, adaptação ao interlocutor e negociação de significados em contextos comunicativos reais. A inclusão de atividades de oralidade que envolvam gêneros mais espontâneos, como rodas de conversa ou entrevistas, permitiria que os alunos praticassem habilidades essenciais para a vida social, como a argumentação, a cooperação e a escuta ativa.

A BNCC (2017) reforça a necessidade de exposição dos alunos a diferentes gêneros orais. Ela destaca que “a competência oral deve ser desenvolvida por meio da interação em diferentes gêneros orais, como entrevistas, debates, apresentações, narrativas, entre outros” (BNCC, 2017). Como observado por Marcuschi (2005), oralidade e letramento estão intimamente ligados, e a competência oral deve ser tratada como uma prática social interativa que engloba tanto a produção quanto a recepção do discurso (Brun, 2017). Nesse âmbito, identificou-se poucas atividades de exploração de gêneros que incentivem essa interação dinâmica, necessária para que os alunos sejam capazes de interagir em variados contextos sociais.

Sendo assim, Marcuschi (2005) também aponta que o ensino da oralidade pode abordar temas como a preservação cultural e o combate ao preconceito linguístico. Em uma atividade, o manual aborda essa questão:

Figura 5: Nível Lexical e Variação Linguística**» Nível lexical**

Leia, a seguir, o trecho da etapa de instruções de uma receita retirada de um *site* português.

[...]
Num tacho de ferro fundido (tipo caçarola), deitam-se duas colheres de azeite e as sainhas e deixam-se em lume brando até que esta gordura cortada em pedacinhos de cerca de 50 gr fique bem tostadinha. Em seguida coloca-se o alho a alourar, seguindo-se as febras, também elas cortadas em pedacinhos. Deixar novamente alourar esta mesma carne durante cerca de 20 minutos. Depois de bem tostada a carne, cortam-se as cebolas em rodélas grossas e deixa-se estufar em lume brando. Junta-se uma folha grande de louro, a pimenta, o sal, a salsa e cobre-se com vinho tinto até dois dedos acima do nível da carne. [...]

SARRABULHO à moda de Mira. Sapo, [2020]. Disponível em: <https://lifestyle.sapo.pt/sabores/receitas/sarrabulho-a-moda-de-mira>. Acesso em: 20 maio 2020.

Após ler esse trecho de receita de Sarrabulho à moda de Mira, prato típico de Portugal, um falante de português do Brasil provavelmente teria dificuldade para entender as instruções e reproduzir os processos indicados no texto. Isso porque são utilizadas palavras diferentes das usadas no Brasil para referirem-se ao mesmo objeto e ação: **deitam-se** – colocam-se; **sainhas** – gordura de porco; **lume brando** – fogo baixo; **alourar** – dourar; **febras** – carnes sem osso e gordura; **estufar** – saltear ou refogar.

Como você viu, os diferentes níveis de variação linguística podem ocorrer motivados por elementos e contextos diversos e apresentar-se de maneiras distintas tanto na **oralidade** quanto na escrita.



A **variação regional ou geográfica** é aquela própria de uma região, um estado, um país. Exemplos: alourar – dourar; macaxeira – mandioca –aipim

A **variação sociocultural** ocorre em um agrupamento social específico e está relacionada, por exemplo, a determinadas classes sociais, faixas etárias, graus de escolaridade, gêneros, profissões e atividades. Exemplos: *late flip* (manobra do *skate*); magrela (gíria para “bicicleta”)

A **variação histórica** representa estágios de transformações da língua, alterações de grafia ou de sentido das palavras ao longo do tempo. Exemplos: vossa mercê – você – cê

A **variação de registro** se dá entre a língua falada e a língua escrita em alguns contextos de interação específicos. Exemplos: Me liguei – Liguei-me; você – vc

Você viu que a **língua muda constantemente** e que pode se adequar a diferentes situações comunicativas. Compreender o caráter dinâmico da língua é fundamental para combater situações como o **preconceito linguístico**.

Conhecer a norma-padrão e saber utilizá-la nos contextos em que ela é exigida é importante. No entanto, também é fundamental reconhecer que a norma-padrão está relacionada a classes de prestígio social e cultural, e que a língua não é única nem uniforme. Portanto, não se deve deslegitimar variantes que fogem a essa norma.

Figura 6: Atividade Nível Lexical e Variação Linguística

Leia este trecho do depoimento de Maria Barbosa da Silva, nascida em 1942, na cidade de Timbiras (MA). Com família muito rígida, ela sempre trabalhou na roça e era proibida de ir aos festejos da região. Foi depois de casada que teve contato com as músicas e danças regionais e se tornou mestre de festejos e brincadeiras infantis.

[...] Um dia o meu pai, nós estava assim em casa, aí quando a de noite veio uns gado livre, naquele tempo o gado era solto, aí veio o gado, aí meu pai chamava: "cheirosa, cheirosa acorda, que somam a esse? Vai tanger o boi para não ir para roça." [...] Levantei, meu filho, eu saí lá fora mais a minha irmã, eram uns tirão no mato, assim que nem aqui. Nós chegemos lá o lobisomem correndo atrás. Corremos que chegou em casa: "papai..." "Mamãe..." Não contamos para ele porque ele dizia que era mentira... E a mamãe: "ô, minha filha, o que é que faz..." Aí minha mãe levantou junto com a gente, aquele negócio que o lobisomem quando ele caminha, ele sai da estrada, ele corre e bate a canela no chão assim. [...] O povo vê muita coisa naquele Maranhão, história antiga que só vê o jeito que nossa senhora. [...]

Professor, o texto do relato de Maria Barbosa pode ser encontrado na íntegra na opção "PDF DO DEPOIMENTO COMPLETO", disponível na fonte indicada neste material.

A DONA do Lindó. **Museu da Pessoa**, 17 mar. 2008. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/a-dona-do-lindo-44645>. Acesso em: 20 ago. 2020.

4. Além de características que marcam modos próprios de falar, as diferentes regiões do Brasil têm também uma cultura própria. Por exemplo, cultivam uma certa tradição folclórica ou têm uma versão particular para uma história que circula em todo o país.

De acordo com Maria Barbosa, quais são as características do lobisomem?
O lobisomem provavelmente come os bois, anda fora da estrada e faz um movimento característico com as pernas.

5. Considere as palavras **tanger** e **tirão**, que são típicas do linguajar maranhense de dona Maria Barbosa, e explique seus significados, com base no contexto.
Significam, respectivamente, "rebanhar animais" e "pedaço de caminho".

6. No caderno, relacione as expressões a seguir, retiradas do texto, a seus possíveis significados, formando pares. A – II, B – I

- A. "que somam a esse?"
- B. "que só vê o jeito que nossa senhora"
- I. Expressão que intensifica a palavra com a qual se liga.
- II. Expressão que equivale a "o que se passa?"

7. Copie os itens a seguir no caderno e responda, para cada um, com exemplos de recursos do texto que caracterizam a oralidade.

- a) Repetições usadas em uma mesma sequência. 7. a) "ele caminha, ele sai da estrada, ele corre"
- b) Concordância que não atende à norma-padrão. 7. b) "nós estava assim em casa", "veio uns gado livre", "eram uns tirão no mato"
- c) Expressão equivalente a "deste modo" e que perde a referência sem o gesto de quem fala. "bate a canela no chão assim"
- d) Conectivo que liga orações para dar sequência ao assunto, servindo de elo entre um acontecimento e outro. "aí quando a de noite veio", "aí veio o gado", "aí meu pai chamava", "aí minha mãe levantou"

Nesse viés, Marcuschi, 2005, p. 25) argumenta que:

[...] o trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva. Veja-se o caso tão ilustrativo dos contos populares ainda tão vivos em nosso povo não só no interior, mas também nas áreas urbanas. Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação. Além disso, é uma atividade relevante para analisar em que sentido

língua é um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação e poder implícitos em usos linguísticos na vida diária, tendo em vista suas íntimas, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais.

Apesar de explorar esses conteúdos, gêneros como rodas de conversa e narrativas orais são raramente explorados nos livros em análise. As rodas de conversa, por exemplo, são essenciais para o desenvolvimento de uma fala mais espontânea e colaborativa, permitindo que os alunos participem ativamente da construção do discurso em um ambiente menos formal. A BNCC (2017) destaca que esses gêneros podem ser relevantes para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais requeridas na e para as interações sociais cotidianas. De maneira semelhante, as narrativas orais –como a contação de histórias–são valiosas para promover a expressão criativa dos alunos, como sugerido por Marcuschi (2008), ao lidar com a organização de ideias e a estrutura narrativa de maneira lúdica e interativa.

Em termos de frequência, as atividades de oralidade na coleção Multiversos são esporádicas, aparecendo de forma concentrada em algumas unidades e seções específicas dos livros, sem a continuidade necessária para o desenvolvimento sistemático da competência oral dos alunos. Geraldi (2015) e (Moura, 2019) destacam que a prática sistemática da oralidade é essencial para o desenvolvimento pleno das habilidades comunicativas dos alunos, o que implica na necessidade de que a oralidade seja integrada de maneira transversal e constante no currículo escolar.

A BNCC (2017) também reforça que a oralidade deve ser uma competência transversal, permeando todas as disciplinas e práticas pedagógicas, de modo que os alunos possam desenvolvê-la continuamente. Contudo, na coleção Multiversos, a prática oral parece ser abordada apenas em momentos específicos, como em debates regrados ou atividades de leitura em voz alta, sem uma progressão contínua e integrada ao longo do material. Essa fragmentação impede que os alunos avancem de forma consistente e contínua no desenvolvimento da competência oral, comprometendo a profundidade do aprendizado.

Como exemplo, uma das atividades sugere que os alunos participem de debates, em que devem respeitar o posicionamento e as opiniões dos colegas, promovendo a argumentação oral (Campos, 2020, p. 200). Apesar de ser uma prática valiosa, esses debates ocorrem de maneira pontual no material, sem a regularidade necessária para que os alunos desenvolvam habilidades argumentativas ao longo do tempo. Marcuschi (2008) salienta que as práticas orais, especialmente aquelas voltadas para o debate e a argumentação, devem ser constantes para que os alunos aprendam a lidar com a complexidade das interações discursivas.

Além disso, gêneros orais como entrevistas e discussões abertas, que permitiriam o desenvolvimento da habilidade de formular perguntas, adaptar-se ao interlocutor e argumentar de maneira mais natural e espontânea, são raramente explorados. Essas práticas são recomendadas pela BNCC (2017), que sugere que o ensino da oralidade envolva uma ampla gama de gêneros orais para preparar os alunos para diferentes contextos sociais e profissionais.

No que tange aos métodos de avaliação, a coleção Multiversos utiliza critérios tradicionais de avaliação da oralidade, como clareza, fluência e correção formal da fala. Embora esses aspectos sejam importantes, eles oferecem uma visão limitada da complexidade envolvida na comunicação oral. Antunes (2003) critica essa abordagem, afirmando que avaliar a oralidade apenas pela correção gramatical é ignorar as diversas facetas da comunicação humana, que inclui a interação social, a argumentação e a construção de sentidos em contextos variados.

Figura 7: Orientação didática para atividades e conteúdos

- Para desenvolver os tópicos sobre estrutura das palavras e formação de palavras, pedir aos estudantes que, para sistematizarem o aprendizado, montem no caderno um quadro ou esquema com os conceitos apresentados e exemplos de cada um deles. Para facilitar o desenvolvimento da atividade, sugere-se orientá-los a consultar o box **conceito** sobre os processos de formação de palavras (p. 299).

Atividades Páginas 300 e 301

Respostas e comentários

1. Orientar os estudantes a observar os aspectos verbais e não verbais da campanha, bem como a relação entre eles para gerar o efeito de sentido esperado.
4. Explicar aos estudantes que, enquanto a repetição de sons consonantais se chama aliteração, a repetição de sons vocálicos recebe o nome de assonância.
5. Se achar pertinente, apresentar aos estudantes a diferença de sentido das palavras **hemofolia** e **hemofilia**, para que compreendam o uso da expressão na campanha.
7. Após a leitura do trecho da reportagem “Por que os millennials e a geração Z nunca atendem telefone”, e antes da exploração dos itens da **atividade 7**, sugere-se incentivar os estudantes a conversar sobre as utilidades que o telefone adquiriu ao longo do tempo e sobretudo se eles mesmos atendem ligações telefônicas. Se responderem que não têm esse hábito, pedir a eles que expliquem o motivo, a fim de traçar um perfil do comportamento da juventude atual e sua relação com a tecnologia.
10. c) Nesta obra foi feita a escolha didática de não especificar os sufixos derivacionais e os flexionais. Dessa forma, neste item, espera-se que os estudantes identifiquem apenas as palavras formadas por derivação sufixal, e não os casos em que o sufixo marca as informações de pessoa, número, modo e/ou grau. Caso apontem **cuida, nos** e **passeios**, por exemplo, oriente-os a atentar ao pedido do enunciado para identificar as palavras derivadas, e não flexionadas.

¶ para explorar Páginas 302 a 307

Estratégias didáticas

- Orientar os estudantes a acessar a reportagem “Quais as diferenças entre o português do Brasil, Moçambique e Angola?”, disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-as-diferencas-entre-o-portugues-do-brasil-mo-cambique-e-angola> (acesso em: 8 set. 2020), para lerem-na na íntegra. Após a leitura, estimular uma discussão sobre as diferenças entre o português falado nesses três países e as diferenças regionais do português brasileiro. Pode-se aproveitar a discussão para retomar o conceito de variação linguística, evitando, desse modo, que os estudantes façam comentários preconceituosos sobre o modo de falar de regiões do Brasil.
- Para o estudo do **Nível sintático** (p. 304), sugere-se retomar os conceitos de pronome pessoal dos casos reto e oblíquo, explicando que os pronomes do caso reto ocupam a posição de sujeito na oração e os pronomes do caso oblíquo atuam como complemento.
- Para desenvolver o tópico **Nível fonético-fonológico** (p. 305), recomenda-se explicar aos estudantes que, além das variações citadas no mapa de pronúncias das palavras, existem outras que ocorrem no interior de cada estado e, às vezes, até mesmo dentro de um mesmo município.
- Após a leitura da transcrição do depoimento (p. 307), incentivar os estudantes a reconhecer as funções das marcas de oralidade na mensagem transmitida. Sugere-se perguntar a eles se a mesma história contada em linguagem formal teria o mesmo efeito de sentido que quando contada por Maria Barbosa.

413

Por exemplo, o Manual do Professor sugere que, após a leitura de depoimentos, os alunos sejam incentivados a reconhecer as marcas de oralidade no discurso em gêneros específicos da internet, às quais não obedecem a norma culta (Campos, 2020, p. 413):

Figura 8: Recorte de Atividade pág. 19–Cidade em Pauta

c) Em alguns sites, como o da notícia que você leu, a interação também pode se dar por meio da ferramenta de curtir um comentário. O que essa ação supõe?

Supõe acordo entre os interlocutores.

14. Retome os comentários que aparecem após a notícia da seção **Leitura.**

a) A quem é dirigida a crítica do leitor Ivam? Que razões a sustentam?

b) A crítica de Ivam revela uma expectativa em relação à atitude da população diante do poder municipal. Como, segundo sugere sua crítica, deveria ser a atitude da população?

c) Ao responder a Ivam, o leitor Cristiano concorda ou não com ele? Por quê?

15. Leia os comentários de outros dois leitores da notícia.

V **Vinicius Barros Monteiro** 5 meses atrás

Constroem uma cidade entre vales, sobre rios e córregos, o povo não tem educação nem pra jogar lixo na lixeira, aí chove e a culpa é da prefeitura. “ÇEI”

Curtir (0) Responder (1)

H **Henrique Guimarães** em resposta a **Vinicius Barros Monteiro** 5 meses atrás

Já que a cidade está instalada aqui e não tem como mudá-la, os governos, atual e anteriores, têm lá sua responsabilidade também. É preciso buscar soluções e evitar problemas futuros.

Curtir (3) Responder (0)

RONANI, G. Córregos transbordam e BH tem recorde de vias bloqueadas. **Estado de Minas**, 15 jan. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/15/interna_gerais.1114650/corregos-transbordam-e-bh-tem-recorde-de-vias-bloqueadas.shtml. Acesso em: 24 abr. 2020.

a) Quem Vinicius anota? Que argumento ele acrescenta para reforçar a opinião com a qual concorda?

b) Henrique reforça a opinião de quem?

c) Se você fosse participar dessa discussão, o que comentaria?

16. Releia: “[...] o povo não tem educação nem pra jogar lixo na lixeira, aí chove e a culpa é da prefeitura. ‘ÇEI’”.

- De que figura de linguagem o comentário faz uso?

O comentário faz uso da ironia.

17. Os comentários feitos pelos leitores em canais digitais podem acrescentar algo ao conteúdo de um texto, ampliando-o por meio de discussões ou mesmo deturpando aquilo que está sendo discutido.

a) Os comentários lidos ampliam o conteúdo da notícia? Como?

b) Em sua opinião, todos os comentários contribuem para ampliar a discussão? Algum não contribui? Qual? Por quê? *Resposta pessoal.*

18. Como os comentários são públicos e qualquer usuário pode responder, desde que cumpra as condições do canal de comunicação, eles apresentam uma linguagem muito variada. Como você caracterizaria essa linguagem?

Os comentários de internet podem apresentar uma linguagem informal. Não é incomum a utilização de gírias, expressões próprias da **oralidade**, **emoicons** e **emojis** nem de construções sintáticas e gráficas que não seguem o previsto pela norma-padrão. Revelam a opinião e a subjetividade do internauta diante das várias vozes que dialogam sobre uma ou mais questões disparadas por um dado texto ou outras questões a ele relacionadas.

14. a) A crítica de Ivam é dirigida tanto à prefeitura, pelo que considera abandono da cidade e falta de obras e de infraestrutura básica, quanto aos que se colocam contra a administração pública no momento em que acontece o alagamento, considerando-a uma revolta de ocasião, motivada pelos acontecimentos imediatos, mas que logo será esquecida.
14. b) De uma vigilância mais contínua e consequente.
14. c) Não concorda. Cristiano acha que não é possível exigir a resolução de todos os problemas, pois são muitos e complexos. Além disso, demandariam grandes gastos com obras e com a burocracia, o que inviabilizaria uma ação mais ágil por parte da prefeitura.
15. a) Vinicius aponta Cristiano sobre como a cidade foi construída. Ele acrescenta o argumento de que a população não descartaria adequadamente o lixo e, por isso, contribui para a situação criada pela chuva na cidade.
15. b) Henrique reforça a opinião de Ivam, pois ele também acredita que a prefeitura tem responsabilidade e deve buscar soluções para os problemas instaurados.
15. c) Resposta pessoal.
17. a) Sim, ampliam ao propor a discussão das origens do problema e das responsabilidades. No conjunto, referem-se à responsabilidade da prefeitura, dos cidadãos e, também, às dificuldades no enfrentamento dos problemas. Essas questões não estavam postas na notícia; desse modo, alertam o leitor para outros aspectos que podem estar relacionados aos fatos noticiados.
18. Predomina um tom informal e o registro próximo ao da norma urbana de prestígio, apesar de nem sempre respeitar a norma-padrão.

Sequência 1 • A cidade em fatos **19**

Embora essa atividade permita que os alunos analisem os aspectos formais da fala, como entonação e fluência, a avaliação continua a ser centrada na correção normativa da fala, sem levar em consideração as interações sociais e a capacidade de adaptação ao contexto comunicativo. Marcuschi (2008) argumenta que a avaliação da oralidade deve ir além da correção formal e incluir a capacidade dos alunos de se comunicar em contextos reais, de modo que a fala seja eficaz em diferentes situações sociais.

A BNCC (2017) recomenda que a avaliação da oralidade considere a eficácia comunicativa em contextos variados, incluindo a argumentação, a escuta ativa e a adaptação ao interlocutor. No entanto, a coleção Multiversos limita essa abordagem ao focar em aspectos formais, como clareza e correção gramatical, desconsiderando a importância da negociação de significados e da construção colaborativa do discurso.

Em suma, as atividades propostas pela coleção Multiversos—como debates regrados, leituras em voz alta e leitura compartilhada—embora contribuam para o desenvolvimento da oralidade, não contemplam a diversidade de gêneros e interações sugerida pela BNCC e pelos PCNs. A inclusão de mais atividades como entrevistas, rodas de conversa e narrativas orais é fundamental para que os alunos possam praticar diferentes formas de comunicação oral, desenvolvendo não apenas a capacidade de argumentar, mas também de colaborar, escutar ativamente e se adaptar a diferentes contextos, interlocutores e ambiente discursivo, conforme recomendam Schneuwly (2004) e Marcuschi (2008).

Além disso, a frequência esporádica das atividades de oralidade impede que os alunos desenvolvam plenamente essa competência. Geraldi (2015) sugere que a prática oral deve ser contínua e integrada ao longo de todo o processo pedagógico, para que os alunos possam construir progressivamente suas habilidades discursivas em diferentes contextos (Moura, 2019). A avaliação da oralidade, por sua vez, também precisa ser repensada, de modo a incluir não apenas critérios formais, mas também a eficácia comunicativa em situações de interação real, como proposto por Antunes (2003) e Marcuschi (2008).

Portanto, a análise revela que, embora a coleção Multiversos reconheça a importância da oralidade e proponha atividades direcionadas ao desenvolvimento dessa competência, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a diversidade de gêneros orais e as práticas interativas sejam plenamente contempladas. Pois a integração de gêneros orais variados e a prática constante da oralidade em contextos reais são essen-

ciais para o desenvolvimento da competência oral-discursiva e adaptada às demandas reais da sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões desta pesquisa indicam que, embora o ensino da oralidade seja um dos eixos centrais propostos pelas diretrizes curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a prática efetiva em sala de aula, conforme sugerido pelos materiais didáticos analisados, ainda apresenta limitações significativas. A coleção *Multiversos: Língua Portuguesa* oferece uma abordagem restrita da oralidade, refletida na limitada diversidade de gêneros textuais orais, na baixa frequência das atividades voltadas para o desenvolvimento dessa habilidade, e em métodos de avaliação mistos e tradicionais que não contemplam a complexidade da comunicação oral no contexto educacional atual.

Os resultados revelam que, para atender às demandas da sociedade digital e interativa, em que a comunicação oral desempenha um papel fundamental, é necessário repensar o modo como a oralidade é abordada no ensino de Língua Portuguesa. A falta de diversidade nas práticas orais, aliada à escassa frequência das atividades, compromete o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos estudantes, limitando suas capacidades de argumentação, interação e expressão crítica—competências essenciais para sua formação integral. Assim, atividades como debates regrados e leituras em voz alta, apesar de valiosas, não contemplam a riqueza de gêneros que a BNCC e os PCNs sugerem, como entrevistas, rodas de conversa e narrativas orais, que são fundamentais para ampliar o repertório discursivo dos alunos.

Em vista disso, é notória a necessidade de revisar os materiais didáticos e os métodos pedagógicos, visando incluir uma gama mais ampla de gêneros orais que reflitam as demandas reais de comunicação na vida cotidiana e profissional dos alunos. Além disso, o desenvolvimento de

avaliações mais contextualizadas, que levem em conta aspectos pragmáticos e discursivos da oralidade, é crucial para garantir que as práticas de ensino sejam eficazes e preparatórias para os desafios comunicativos atuais. Como destacado por Marcuschi (2008), a avaliação da oralidade deve ir além da correção gramatical, abrangendo também a interação social, a escuta ativa e a negociação de significados em contextos reais de comunicação.

A partir dessas considerações, sugere-se que novos estudos sejam realizados com o objetivo de aprofundar a investigação sobre o ensino da oralidade, especialmente em diferentes contextos escolares e regionais. Pesquisas futuras podem explorar não apenas a qualidade e a diversidade das atividades de oralidade propostas, mas também o impacto dessas atividades no desempenho comunicativo dos alunos em situações concretas de interação. Ademais, é fundamental investigar o papel do professor na mediação dessas práticas, uma vez que a formação docente é um dos fatores determinantes para o sucesso do ensino da oralidade.

Em termos de aplicação prática, este estudo oferece à comunidade científica e aos profissionais da educação um panorama crítico das práticas de ensino da oralidade no Ensino Médio, incentivando uma reflexão sobre a necessidade de ajustes no currículo e nas abordagens didáticas. A prospecção de práticas mais dinâmicas e contextualizadas, conforme discutido ao longo deste trabalho, poderá contribuir significativamente para a evolução do ensino de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, para a formação de cidadãos mais preparados para lidar com as demandas comunicativas da vida moderna.

Conclui-se, portanto, que o aprimoramento do ensino da oralidade requer não apenas ajustes no material didático, mas também um compromisso contínuo com o desenvolvimento de metodologias inovadoras e inclusivas, que contemplem as particularidades da geração de estudantes contemporâneos. É necessário que o ensino da oralidade vá além da reprodução de técnicas discursivas formais, integrando-se de maneira profunda e significativa ao cotidiano dos estudantes, a fim de promover

um aprendizado mais rico, diversificado e efetivo. Além disso, é crucial que a formação docente capacite os professores a mediar práticas orais diversificadas, oferecendo estratégias para implementar gêneros variados e avaliações mais contextualizadas. Esse preparo é essencial para garantir que as práticas de ensino da oralidade se adaptem às necessidades da geração contemporânea, como discutido ao longo deste estudo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**—encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros dos discursos**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, p.1-23, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRUN, Edna Pagliari. A oralidade no Ensino Médio: Uma análise da Base Nacional Comum Curricular. **Entretextos**, v. 17, n. 1, p. 231-264, 2017.

Campos, Maria Tereza Rangel Arruda. **Multiversos: língua portuguesa: ensino médio** / Maria Tereza Rangel Arruda Campos, Lucas Kiyoharu Sanches Oda.-1. ed.-São Paulo : FTD, 2020.

Campos, Maria Tereza Rangel Arruda. **Multiversos: linguagens: cidade em pauta: ensino médio** / Maria Tereza Rangel Arruda Campos [et al.]-1. ed.-São Paulo: FTD, 2020.

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI Jr., Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018.

COSTA, Sânia Tereza et al. Marcas da oralidade nas produções textuais dos alunos do ensino médio da escola ce humberto de campos na cidade de humberto de campos-ma. **ACTAS**, v. 3, 2016.

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, nº 17, p. 381-396, jul/dez. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Jayne Macedo Barros. **Ensino da oralidade à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino médio: um estudo comparativo**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In:

DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (org.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOURA, Heliud Luis Maia. A integração entre as atividades de leitura, oralidade, escrita e reflexão linguística: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 48, n. 3, p. 1495-1516, 2019.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.